Representação da música das minorias: reflexões sobre a China

Nan Qi
Durval Cesetti
(Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN)

Resumo: Este artigo oferece uma perspectiva histórica sobre as 55 minorias étnicas oficiais da China e descreve como suas músicas (e culturas, de forma geral) são representadas pela educação musical e mídia chinesas. Tendo sido resultado de uma revisão bibliográfica sobre o assunto, o artigo descreve desde a forma como as minorias eram vistas de acordo com a doutrina confucionista, passando pelo maoísmo e chegando à China moderna, após os eventos da Praça da Paz Celestial e o crescimento econômico acelerado do país. Com os avanços feitos nas últimas décadas, houve um aumento significativo da representação étnica na educação musical e na mídia, com o resgate de inúmeras tradições que estavam a caminho do esquecimento; ao mesmo tempo, o artigo descreve os aspectos negativos e objetivos ocultos por trás destes avanços promovidos pelo governo, especialmente em relação às tensões separatistas dos povos tibetano e uigur. O artigo comenta como a música pode ser usada para "exoticizar" as minorias e promover sentimentos patrióticos e de unidade. Enquanto a educação musical patriótica tem sobressaído nas últimas décadas, discutimos também como a política de maior valorização das culturas étnicas minoritárias tem suscitado aumento de sentimentos de orgulho e de identificação étnica. Como conclusão, o artigo busca simplesmente enfatizar a importância de se descrever uma realidade complexa de forma complexa, com a coexistência de seus múltiplos aspectos positivos e negativos, salientando ao mesmo tempo a importância da conscientização de educadores musicais para seu importante papel na representação das minorias.

Palavras-chave: Minorias étnicas. Música. Educação musical. China.

Music of minorities: Reflections on China

Abstract: *This article provides a historical perspective on China's 55 official ethnic minorities and describes how their music (and cultures, in general) is represented in Chinese music education and media. The result of a literature review on the subject, this article describes how minorities were viewed first from a perspective of Confucian doctrines through Maoism and into modern China after the events of Tiananmen Square and the country's accelerated economic growth. With the advances made in recent decades, there has been a significant increase in ethnic representation in both music education and the media, rescuing numerous traditions that were on their way to oblivion. At the same time, the article describes the negative aspects and hidden objectives behind these advances promoted by the government, especially in relation to the separatist tensions of the Tibetan and Uighur peoples. The article comments how music can be used to "exoticize" minorities and promote patriotic feelings of unity. While there has been a*

QI, Nan; CESETTI, Durval. Representação da música das minorias: reflexões sobre a China. *Opus*, v. 27 n. 1, p. 1-21, jan/abr. 2021.http://dx.doi.org/10.20504/opus2021a2712
Recebido em 6/10/2020, aprovado em 12/2/2021

focus on patriotic education during recent decades, we also discuss how the policy of greater appreciation of ethnic minority cultures has propitiated increased feelings of pride and ethnic identification. In conclusion, the article seeks simply to emphasize the importance of describing in a complex way a complex reality with its multiple coexisting aspects, both positive and negative, while also stressing the importance of making music educators aware of their important role in representing minorities.

Keywords: *Ethnic minorities. Music. Music Education. China.*

A inclusão de representações artísticas de populações minoritárias na educação musical é uma parte fundamental do papel de cada educador e, ao mesmo tempo, tem o potencial de levantar questões importantes sobre as relações entre estas populações e a cultura dominante do país no qual habitam. Neste artigo, apresentamos uma discussão sobre um contexto extremamente específico – a representação das culturas dos grupos étnicos minoritários na China –, pouco conhecido pela grande maioria dos educadores musicais brasileiros. Resultado de uma revisão da literatura internacional sobre a representação das minorias étnicas na educação musical e nos meios de comunicação chineses (e refletindo também sobre vivências pessoais da coautora), este artigo pretende introduzir o(a) leitor(a) a este contexto e sua perspectiva histórica, além de suscitar reflexões sobre aspectos que possam ser relevantes em múltiplos contextos. Discutiremos como as minorias têm sido geralmente retratadas pela sociedade chinesa, as possíveis influências internacionais por trás do recente renascimento na divulgação das culturas étnicas e o uso da educação moral e patriótica promovida pelo governo chinês para aumentar o sentimento de unidade no país.

Desejamos interpretar estas questões de forma complexa e matizada. Ao refletirmos sobre o assunto, é inevitável que a discussão se aventure por um território que, além de cultural e educacional, é também político, porém procuramos descrever uma situação complexa e multifacetada sem simplificá-la nem reduzi-la a apenas um de seus lados. Os laços fortes que unem músicas, localidades e identidades necessitam ser compreendidos como um processo contínuo de transformação. Em vez de serem "essencializados", "fixos" e "hermeticamente fechados", eles são "abertos e porosos", fomentados por meio de um "processo contestado" e uma "inter-relação dinâmica" (HUDSON, 2006: 627, tradução nossa)[1]. Portanto, ao final do artigo, esperamos ter chegado a uma visão global, equilibrada e fluida sobre a representação do valioso capital cultural das minorias étnicas chinesas na educação musical e na mídia chinesas e sobre o que essa representação significa em seu contexto nacional.

1. Minorias, pluralidade e unidade

A China tem 55 grupos minoritários étnicos oficialmente reconhecidos, cada qual com um dialeto diferente (sendo a maioria desses dialetos extremamente diferentes uns dos outros e incompreensíveis para membros dos demais grupos). De acordo com o censo de 2010 (o último cujos resultados foram divulgados, disponíveis no sítio eletrônico do *National Bureau of Statistics*),

[1] "Places are contested and continually in the process of becoming, rather than essentialized and fixed, open and porous to a variety of flows in and out rather than closed and hermetically sealed. However, the production of place through music [...] is seen to be a contested process, while the dynamic interrelationship between music and place suggests that music plays a very particular and sensuous role in place making" (HUDSON, 2006: 627).

os grupos minoritários representam aproximadamente 114 milhões de pessoas, ou seja, 8,49% da população total do país (NBS, 2010). Contudo, as áreas consideradas como minoritárias (tais como as regiões autônomas e as prefeituras autônomas) correspondem a 64% de todo o território da China (ZHAO, 1998: 291). Portanto, não é difícil compreender a razão pela qual as políticas relativas às minorias – tais como as políticas educativas e a difusão de suas culturas pelos meios de comunicação – têm um papel importante (e potencialmente controverso) na ideia de criar coesão e integração nacional, especialmente considerando-se que o sistema político da China é controlado exclusivamente pelo Partido Comunista Chinês. Os estilos musicais das minorias são parte constante e vital do que é ensinado em salas de aulas e do que é mostrado na mídia chinesa, possibilitando que sejam bem conhecidos pela população chinesa em geral. Como Gladney comenta, "não se pode ser exposto à China sem ser confrontado pelas suas minorias 'coloridas'. Cantam, dançam; rodopiam, rodopiam. Acima de tudo, sorriem, mostrando a sua felicidade por fazerem parte da pátria"[2] (GLADNEY, 2004: 54, tradução nossa).

A música é usada como uma das muitas ferramentas de propaganda do governo, com o intuito de promover a integração nacional, porém, ao mesmo tempo, isso também cria benefícios para a sobrevivência e difusão das culturas minoritárias. A realidade pode, portanto, ser ambígua e conflitante: o recente renascimento de interesse na cultura de diversas etnias na China, que discutiremos posteriormente, pode ter uma motivação política oculta, para obter o apoio das minorias ao projeto nacional (CLOTHEY, 2005), além de reforçar a narrativa segundo a qual as minorias fazem parte da grande família chinesa. Todavia, esse renascimento também pode acabar contribuindo para o aumento de sentimentos de nacionalismo étnico; simultaneamente, o interesse em promover as culturas das minorias também pode ser considerado como uma resposta adequada do governo à perda da identidade cultural que aconteceu no passado, algo acentuado por ações do governo no passado, especialmente nas décadas após a Revolução Comunista de 1949 até o final da Revolução Cultural (1966-1977). Mu (1995), por exemplo, relata como a população da etnia Li perdeu muitas das suas canções tradicionais, especialmente entre a população jovem, e como o atual projeto do governo de criar uma Antologia da Música Chinesa foi um esforço importante "para preservar os registros de alguma música tradicional antes do seu declínio ou extinção" (MU, 1995: 103, tradução nossa)[3].

O dilema, da forma como é percebido pelo governo, é como apoiar as culturas únicas das minorias sem ameaçar a estabilidade do país – uma ideia expressa no conceito de *duoyuan yiti geju* (多元一体格局), que pode ser traduzido como "pluralidade e unidade dentro da nação chinesa". Yi (2005) vai ao cerne da questão quando afirma que "a característica mais saliente da política de educação das minorias na China é ser moldada pelo medo de as lealdades étnicas e religiosas minarem a capacidade de as pessoas minoritárias serem cidadãs políticas e culturais leais do Estado-nação chinês" (YI, 2005: 41, tradução nossa)[4]. Embora a maioria das minorias tenha sido integrada sem maiores problemas à sociedade chinesa durante séculos, outras não o foram totalmente; em particular, tanto os tibetanos como os uigures têm movimentos separatistas que estão frequentemente presentes nos noticiários, assim como as ações de controle do governo. Consequentemente, qualquer discussão sobre a situação das minorias está repleta de questões políticas espinhosas.

[2] "One cannot be exposed to China without being confronted by its colorful minorities. They sing, they dance; they twirl, they whirl. Most of all, they smile, showing their happiness to be part of the motherland" (GLADNEY, 2004: 54).

[3] "[...] to preserve records of some traditional music before its further decline or extinction" (MU, 1995: 103).

[4] "The most salient feature of China's minority education policy is that it is shaped by a fear that ethnic and religious allegiances may undermine the capacity of minority people to be loyal political and cultural citizens of the Chinese nation-state" (YI, 2005: 41).

Evitando aqui essas visões políticas que se digladiam, e sem tomar o partido de nenhum dos lados, discutiremos sobretudo este aspecto ambíguo da política oficial do governo desde os anos 1980: como as culturas minoritárias podem ser celebradas e preservadas pelas políticas educacionais, mas, ao mesmo tempo, usadas para se consolidar a ideia de união nacional. É fácil ignorar todas as facetas desta questão complexa e reduzi-las a uma caricatura, sendo que a verdade é muito mais sutil do que aquilo que é frequentemente exposto pelos meios de comunicação. Portanto, faz-se necessária uma visão equilibrada quando se discutem questões das minorias étnicas na China. A história pessoal da Dra. Gulbahar Beckett, por exemplo, original da província de Xinjiang e atualmente professora da Universidade de Cincinnati, demonstra este equilíbrio necessário: embora ela seja crítica a muitas posições tomadas pelo governo chinês, ela também reconhece que este "fez esforços significativos para incluir os povos anteriormente desfavorecidos nas suas reformas educacionais" (MACPHERSON; BECKETT, 2008: 104, tradução nossa)[5] e acredita que, sem estes esforços, ela muito provavelmente não seria hoje uma professora universitária, mas sim uma pastora uigure vivendo em situação de pobreza. Similarmente, apesar de o intuito de diminuir o separatismo tibetano ser claramente o fator determinante por trás das ações governamentais no Tibete, estas políticas também levaram a um aumento constante do nível de vida de muitos tibetanos (POSTIGLIONE, 2008: 4), embora ainda haja muito trabalho a fazer e existam inúmeros aspectos negativos causados pela repressão aos movimentos separatistas.

2. Contexto histórico

A doutrina confucionista dividiu tradicionalmente a sociedade chinesa em um modelo *Yi-Xia* (夷夏), no qual os *Xia* eram o grupo dominante, enquanto os *Yi* eram as minorias, os "bárbaros" que viviam nas periferias (HE, 2005: 57). Esta visão etnocêntrica está claramente representada no nome chinês para o país, *Zhongguo* (中国), que é literalmente traduzido como "Reino do Meio". "Desde os tempos antigos", escreve Wu (1991: 161, tradução nossa), "os chineses têm visto a si próprios como estando no centro"[6], rodeados por minorias a leste, oeste, norte e sul. No entanto, esta distinção de centro-periferia não representava uma barreira fixa e imutável: Ma (2007) argumenta que não havia uma discriminação racial, mas "apenas" uma discriminação cultural, ou seja, um membro de um grupo minoritário poderia ser plenamente aceito como parte dos *Xia* se aprendesse a língua e cultura dominantes (uma visão assimiladora que claramente não é compatível com as ideias modernas sobre os direitos das minorias). Dikotter (1992), por outro lado, chama de "mito ilusório" a ideia de que os bárbaros poderiam ser plenamente aceitos no grupo principal. Ele cita um texto do século 4 a.C., por exemplo, que inclui a frase: "se ele não for da nossa raça, certamente terá uma mente diferente" (DIKOTTER, 1992: 3, tradução nossa)[7], o qual, argumenta ele, demonstra que a discriminação racial não se limitava a fatores culturais e que um bárbaro nunca seria capaz de se integrar plenamente ao grupo principal (DIKOTTER, 1992: 3). Ele também menciona que havia duas categorias de bárbaros, os *shengfan* e os *shufan*

[5] "[...] made significant efforts to include previously disenfranchised peoples in its educational reforms" (MACPHERSON; BECKETT, 2008: 104).

[6] "Since ancient times, the Chinese have viewed themselves as being at the center" (WU, 1991: 161).

[7] "*Fei wo zulei, qi xin bi yi*, 非我族类,其心必异" (DIKOTTER, 1992: 3).

(literalmente, "arroz cru" e "arroz cozido"). Enquanto os primeiros eram considerados "selvagens e resistentes", os segundos eram "domesticados e submissos" (DIKOTTER, 1992: 9, tradução nossa)[8].

Embora esta distinção de centro-periferia esteja profundamente enraizada na cultura chinesa, a ideia de uma *Zhonghua minzu* (中华民族) comum – uma "etnia chinesa", também conhecida como *Han minzu*, "etnia *Han*" – é algo bastante recente, surgindo no início do século XX, quando a última dinastia foi substituída pelo moderno Estado-nação (GLADNEY, 2004: 13-15. WU, 1991: 161). Embora o conceito de uma pessoa *Han* existisse no passado, desde os tempos da dinastia *Han* (3 a.C. a 3 d.C.), este conceito não costumava ter uma conotação étnica fixa, referindo-se a todos os "súditos do império *Han*, tal como 'romano' se referia aos súditos do império romano" (GLADNEY, 2004: 14, tradução nossa)[9]. Dr. Sun Yat-sen, o primeiro presidente da República da China, usou o termo *Han* para forjar um espírito de unidade e nacionalismo no país. Nas suas próprias palavras,

> O povo chinês tem demonstrado a maior lealdade à família e ao clã, com o resultado de que na China tem havido familiarismo e clã-ismo, mas nenhum nacionalismo real. Os observadores estrangeiros dizem que os chineses são como um lençol de areia solta. [...] A unidade do povo chinês parou por pouco no clã e não se estendeu à nação (*apud* GLADNEY, 2004: 13, tradução nossa)[10].

Ele estabeleceu a "República das Cinco Nacionalidades", que consistia na maioria *Han* e nas minorias Manchu, Mongol, *Hu* e Tibetana (YU, 2007: 235-236). Invocando o argumento de que a maioria do povo na China era *Han*, o Dr. Sun Yat-sen desejava criar um símbolo que pudesse unificar o país contra as ameaças externas e internas.

Após a Revolução Comunista em 1949, este conceito da etnia *Han* como dominante foi mantido, mas a liderança comunista – seguindo o modelo soviético e os critérios de Stalin para identificar minorias – decidiu refinar a divisão dos grupos minoritários da China. Wu (1990) afirma que mais de 400 grupos étnicos se candidataram junto ao governo para serem reconhecidos como minorias oficiais. Houve "equipes de investigação" enviadas a todas as regiões da China para decidir quantas deveriam ser contadas oficialmente, mas a maioria dos membros destas equipes tinha "pouca formação etnológica ou linguística prévia", tendo que ser "despachadas a *workshops* antes de serem enviadas aos territórios" (WU, 1990: 2, tradução nossa)[11]. Como resultado deste trabalho, houve 41 nacionalidades listadas no censo de 1953, um número que gradualmente aumentou para as 56 atuais a partir do censo de 1982 (GLADNEY, 2004: 9).

No entanto, devido à dificuldade de reconhecer o que é exatamente uma etnia separada, uma vez que pode haver semelhanças e interpenetrações entre diferentes grupos, não é surpreendente que esta divisão seja um pouco arbitrária. Mesmo o conceito de uma etnia *Han* unificada pode ser posto em dúvida hoje em dia. Gladney (2004), por exemplo, comenta a respeito do "mito da homogeneidade cultural e racial de *Han*" e da "relutância em fazer avançar a

[8] "savage and resisting [...] tame and submissive" (DIKOTTER, 1992: 9).

[9] "[...] subjects of the *Han* empire, just as 'Roman' referred to the subjects of the Roman empire" (GLADNEY, 2004: 14).

[10] "The Chinese people have shown the greatest loyalty to family and clan, with the result that in China there have been family-ism and clan-ism but no real nationalism. Foreign observers say that the Chinese are like a sheet of loose sand. [...] The unity of the Chinese people has stopped short at the clan and has not extended to the nation" (GLADNEY, 2004: 13).

[11] "[...] had little prior ethnological or linguistic training, [...] crash workshops before being sent to the field" (WU, 1990: 2).

noção de heterogeneidade *Han*" (GLADNEY, 2004: xv, tradução nossa)[12]. Diferentes grupos *Han* – tais como os *Hakka* ou os Cantoneses – podem ter tradições, costumes e crenças diferentes. De fato, a população *Han* inclui oito línguas mutuamente ininteligíveis: Mandarin, *Wu*, *Yue*, *Xiang*, *Hakka*, *Gan*, *Min* do Sul e *Min* do Norte (GLADNEY, 2004: 7). Wu (1991) comenta que "qualquer perito em estudos étnicos hoje em dia notará que a diferença entre dois grupos *Han* pode, em alguns casos, ser mais pronunciada do que a diferença entre o grupo *Han* e um grupo de uma nacionalidade minoritária" (WU, 1991: 66, tradução nossa)[13], o que acentua a artificialidade da divisão em 56 grupos.

A respeito das minorias, a classificação pode também criar uma noção de categorias raciais fixas e rígidas, que muitas vezes não correspondem à situação real, que tende a ser mais fluida e contextual. Wu (1990), por exemplo, menciona que é bastante comum encontrar mongóis que não falam mongol e que se parecem exatamente como os *Han*. Já a etnia *Bai* costumava considerar-se como parte da maioria *Han* antes dos anos 1950, mas sua classificação como minoria fez com que eles mudassem as suas autopercepções, recuperando, assim, parcialmente, a sua cultura tradicional. Enquanto, por um lado, isto pode ser visto como uma redescoberta positiva da sua herança étnica, por outro lado, este tipo de identificação e reconstrução étnica rígida é hoje em dia explorada pelo turismo em várias regiões, o qual se assenta no "comércio de autenticidade" (BAI, 2007: 245, tradução nossa)[14]. As reificações culturais são "produzidas e vendidas, compradas e consumidas sob a forma de pacotes turísticos e mercadorias", tentando atrair "o olhar dos turistas" (BAI, 2007: 245, tradução nossa)[15]. Wu (1990: 3) menciona uma experiência que teve em um vilarejo *Ewenki:* um funcionário encarregado dos assuntos das minorias sentiu-se embaraçado quando reparou que os aldeões estavam a usar trajes mongóis em vez dos seus próprios e garantiu ao autor que mais tarde distribuiria esboços com os trajes *Ewenki* "corretos" que eles deveriam usar, a fim de evitar este erro no futuro.

3. Retrato das minorias étnicas

A dicotomia confuciana *Yi-Xia* mencionada na seção anterior retrata as minorias como "primitivas" ou "atrasadas". É importante notar, contudo, que o confucionismo também exige que os *Xia* baseiem a sua relação com as minorias na ideia de *ren* (仁), termo que implica tanto "compaixão" como o dever de cuidar de outras pessoas, a fim de se alcançar uma coexistência pacífica e harmoniosa (HE, 2005: 57). Esta ideia, embora bem-intencionada, é certamente também paternalista: "Em uma cultura confucionista, [...] as minorias são vistas como irmãos mais novos, por vezes ocasionalmente desobedientes" (HE, 2005: 57, tradução nossa)[16]. O confucionismo enfatiza a ideia de que as diversas minorias devem existir em harmonia, coexistindo pacificamente e opondo-se à assimilação forçada, apelando a "uma política de assimilação não

[12] "[...] myth of Han cultural and racial homogeneity [...] reluctance to advance the notion of Han heterogeneity" (GLADNEY, 2004: xv).

[13] "Any expert on ethnic studies today will notice that the difference between two *Han* groups can, in some cases, be more pronounced than that between a *Han* and a so-called minority nationality group" (WU, 1991: 66).

[14] "Commerce of authenticity" (BAI, 2007: 245).

[15] "[...] produced and sold, bought and consumed in the form of tour packages and commodities," trying to attract "the gaze of tourists" (BAI, 2007: 245).

[16] "Within a Confucian culture, [...] minorities are seen as younger brothers, sometimes as occasionally disobedient ones" (HE, 2005: 57).

violenta por meio da imposição dos valores *Han* e não através de uma política de extermínio" (HEBERER, 1989: 18, tradução nossa)[17].

O Partido Comunista Chinês rejeitou oficialmente a ideologia confucionista após a revolução e afirmou que todos os grupos culturais eram iguais (HANSEN, 1999a: 3). Contudo, isso aconteceu apenas em teoria; na realidade, como Hansen (1999a) afirma, "uma das contradições gritantes no sistema educacional chinês é o fato de pregar a igualdade constitucional das *minzu* ['etnias'], ao mesmo tempo em que transmite aos estudantes minoritários imensos sentimentos de inferioridade cultural" (HANSEN, 1999a: 4, tradução nossa)[18]. Além de ser difícil eliminar subitamente o pensamento confucionista da sociedade, após milhares de anos, esse fato também foi uma consequência da teoria marxista, que "legitimou a subjugação das minorias ao domínio *Han* em nome do 'progresso'" (MACPHERSON; BECKETT, 2008: 105, tradução nossa)[19]. Consequentemente, Gladney (1999) menciona que, nos "meios de comunicação social estatais [...] e nas representações públicas, a maioria *Han* [...] é frequentemente representada como estando em algum local perto do fim 'moderno' de uma trajetória histórica marxista pela qual as minorias da China devem viajar" (GLADNEY, 1999: 58, tradução nossa)[20].

Isso explica o fato de que, apesar de o discurso oficial afirmar que todas as etnias são iguais, as práticas educacionais tendem a perpetuar a imagem das minorias como mais "primitivas". Como comenta Lin (2008), as suas culturas e práticas "atrasadas" são frequentemente culpadas pelo seu fraco desempenho tanto no crescimento econômico como no sucesso acadêmico; do mesmo modo, Postiglione (2008) menciona a crença comum na sociedade chinesa de que os tibetanos não são tão bem-sucedidos como o resto do país devido às suas atitudes mentais e às suas crenças budistas. Como ele assinala, esta ideia também foi utilizada em outros contextos históricos do mundo; ele cita como exemplo Amartya Sen, economista que escreveu, no século XIX, que a Inglaterra tendia a considerar a pobreza irlandesa como sendo causada pela "preguiça, indiferença e inépcia" (POSTIGLIONE, 2008: 14, tradução nossa)[21], justificando assim as intenções "civilizadoras" britânicas. O governo chinês também mostra a sua intenção de "civilizar" as áreas minoritárias e de ajudá-las a alcançar o sucesso econômico e acadêmico, considerando isso como um "presente". Portanto, quando algumas minorias se rebelam (como nos casos dos movimentos separatistas tibetano e uigure), a reação comum de uma pessoa *Han* é acreditar que estas minorias estão a ser "ingratas", uma vez que a China dá a elas tantas oportunidades que não valorizam. Macpherson e Beckett (2008), contudo, escrevem que "o 'presente' do desenvolvimento e, em particular, do desenvolvimento educacional, é utilizado para legitimar o controle do governo central dominado pelos *Han* sobre as regiões ocupadas" (MACPHERSON; BECKETT, 2008: 107, tradução nossa)[22]. Conforme Thompson (1991) escreveu, referindo-se ao conceito de "violência simbólica" de Bourdieu: "Dar é também uma

[17] "[...] a policy of nonviolent assimilation through the imposition of *Han*-Chinese values rather than through a policy of extermination" (HEBERER, 1989: 18).

[18] "One of the striking contradictions in the Chinese education system is the fact that it preaches the constitutional equality of *minzu* ['ethnicities'] while impressing on minority students immense feelings of cultural inferiority" (HANSEN, 1999a: 4).

[19] "[...] legitimate the subjugation of minorities to *Han* dominance in the name of 'progress'" (MACPHERSON; BECKETT, 2008: 105).

[20] "In state-sponsored media [...] and in public representations, the Han majority [...] are frequently represented as somewhere near the 'modern' end of a Marxist historical trajectory upon which China's minorities must journey" (GLADNEY, 1999: 58).

[21] "[...] laziness, indifference and ineptitude" (POSTIGLIONE, 2008: 14).

[22] "The 'gift' of development and, in particular, educational development is used to legitimate the central *Han*-dominated government's control of occupied regions" (MACPHERSON; BECKETT, 2008: 107).

forma de possuir: é uma forma de se amarrar ao outro enquanto envolve-se o laço num gesto de generosidade" (THOMPSON, 1991: 24, tradução nossa)[23].

Além de serem consideradas primitivas, em alguns casos as culturas das minorias podem ser tratadas com um desprezo ainda maior. Bass (2008) comenta, por exemplo, que, nos livros escolares tibetanos, "as figuras culturais e históricas tibetanas são largamente ridicularizadas, condenadas ou apresentadas como personagens quase folclóricos. Muitas das histórias apresentam aristocratas ricos, malvados, preguiçosos ou professores de monges enganadores e corruptos" (BASS, 2008: 43, tradução nossa)[24]. É importante notar, no entanto, que este tipo de representação não é sempre homogênea. Em períodos mais relaxados (como nos anos 1980), foi permitida uma representação mais verdadeira e respeitosa da cultura tibetana, mas isso muda "quando o governo sente que a sua estabilidade política e integridade cultural estão sob ameaça" (BASS, 2008: 41, tradução nossa)[25]. As crenças religiosas de vários grupos também podem ser descritas como supersticiosas em textos educativos. Além disso, Hansen (1999a) afirma que o sistema escolar chinês trata frequentemente a cultura, as crenças e a história de grupos minoritários como inúteis, enquanto o conhecimento da cultura *Han* (e da língua mandarim) é considerado mais valioso para o bem-estar econômico de alguém na sociedade. Devido a este contexto nacional que valoriza o capital cultural *Han* em detrimento dos outros, Gladney (1999) relata um caso em que um membro idoso de uma minoria muçulmana lhe disse que "não tinha cultura", apesar de ser "fluente em persa e árabe e um mestre das ciências naturais islâmicas" (GLADNEY, 1999: 59, tradução nossa)[26].

É também interessante salientar que as representações oficiais das minorias, tanto na educação como na comunicação social, tendem a enfatizar tanto as suas qualidades "exóticas" como o seu amor pela pátria chinesa. Gladney (2004), por exemplo, descreve um quadro que retrata várias minorias na Grande Muralha com a legenda "Amo a Grande Muralha" por baixo, notando a ironia de que a muralha foi originalmente construída para manter o povo "bárbaro" de fora (GLADNEY, 2004: 57). Também comenta as semelhanças entre a representação típica das minorias chinesas – como sensuais, naturais, coloridas e primitivas – e as representações "orientalistas" dos asiáticos pelo Ocidente, tal como descrito por Edward Said: "O retrato objetificado das minorias como exoticizadas, e mesmo eroticizadas, é essencial para a construção da maioria chinesa *Han*, a própria formulação da 'nação' chinesa em si" (GLADNEY, 2004: 52-53).

Perante isto, é interessante notar que o programa televisivo do Ano-Novo chinês dedica geralmente metade da sua programação à música e às danças de grupos minoritários (embora estes representem menos de 9% da população em geral). De modo semelhante, a educação musical chinesa, ao procurar criar uma maior representação curricular das culturas minoritárias, deve ter cuidado para não incorrer neste problema de objetificar as minorias como "Outros" exóticos e sensuais.

A coautora deste artigo, nascida e criada na China, foi educada para se tornar uma professora de ensino primário, tendo feito curso técnico em pedagogia musical infantil e posteriormente concluído a licenciatura em um dos mais importantes conservatórios de música do país. Dessa forma, ela pôde presenciar a ênfase na inclusão das culturas das etnias minoritárias

[23] "Giving is also a way of possessing: it is a way of binding another while shrouding the bond in a gesture of generosity" (THOMPSON, 1991: 24).

[24] "Tibetan cultural and historical figures are largely ridiculed, condemned or presented as quasi-folkloric characters. Many of the stories feature rich, evil, lazy aristocrats or duplicitous and corrupt monk teachers" (BASS, 2008: 43).

[25] "[...] when the government feels its political stability and cultural integrity is under threat" (BASS, 2008: 41).

[26] "[...] had no culture, [...] fluent in Persian and Arabic, and a master of the Islamic natural sciences" (GLADNEY, 1999: 59).

no currículo durante essa época de grandes modificações. Durante seu curso técnico, uma disciplina marcante foi o curso de danças étnicas, com duração de dois anos, no qual, além de aprenderem danças e músicas, os alunos também estudavam múltiplas características de diversas minorias, como população, história, religião, língua, expressões artísticas, artesanato, costumes, cerimônias de casamento e funerais, hábitos de vida, alimentação, vestimentas, etiqueta, entre outras. Infelizmente, no curso de licenciatura, esta ênfase já não estava presente, e o treinamento dos professores era baseado em música erudita ocidental e em música tradicional chinesa.

Portanto, em sua experiência, há 20 anos, havia de fato um interesse de que futuros professores primários se tornassem versados nos mais variados detalhes das culturas étnicas das minorias, para poder repassá-los aos seus alunos. Porém, não existia tanto debate ou ênfase sobre o aspecto filosófico deste aprendizado acarretar uma possível objetificação das minorias. Isso é algo que necessita ser constantemente trabalhado. Para que as minorias não sejam vistas como um Outro exótico, é importante que alunos tenham a oportunidade de experienciar as culturas minoritárias de forma imersiva, se possível em seus contextos originais ou aprendendo diretamente com *culture bearers*, ou seja, membros daquelas culturas (CAMPBELL, 2002). Além disso, deve-se propiciar a conscientização sobre este assunto por meio da leitura de textos a seu respeito e discussões. O uso de outros contextos históricos – como a literatura sobre o "Orientalismo" criado por artistas europeus, iniciada por Edward Said – é um bom caminho para se iniciar na discussão, pois é mais fácil primeiramente visualizarmos tais problemas de apropriação cultural em outros contextos (SAID, 1978); após o reconhecimento de suas sutilezas e complexidades, torna-se então mais simples vermos como isso pode ser refletido em nosso próprio contexto.

4. Renascimento das músicas das minorias

Apesar de todos os problemas descritos anteriormente, é inegável que tem havido um renascimento da música étnica chinesa desde os anos 1980, após a Revolução Cultural (1966-1976), a qual havia reprimido a cultura das minorias, entre outras ações de opressão. O programa de nove anos de ensino obrigatório de música, promulgado em 1989 pelo Ministério da Educação, exige que a música de todas as etnias seja representada no currículo e dá aos professores a liberdade de escolher livros e materiais escolares locais, os quais podem representar até 20% do conteúdo total de instrução (permitindo, assim, uma maior representação de conteúdo local). Evidentemente, algumas províncias – especialmente ao oeste e sudoeste do país, como Guizhou, Yunan e Sichuan – possuem uma quantidade maior e mais variada de minorias étnicas, sendo que este conteúdo é naturalmente mais variado e presente; portanto, o efeito deste renascimento não é necessariamente homogêneo em um país vasto como a China (CHENG, 2007. SANG, 2007).

Entre as ações governamentais feitas para fomentar a cultura das minorias está a pesquisa para a produção da "Coleção de Música Instrumental Popular Nacional da China", também conhecida como a "Grande Muralha da Cultura". A partir de 1979, o governo coletou e publicou 55 volumes que totalizam mais de 20 mil partituras (incluindo canções folclóricas, diferentes estilos de ópera tradicional chinesa e de música instrumental), 2.400 fotos e que apresentam uma visão detalhada sobre os instrumentos musicais de cada região e biografias de músicos importantes (DU, 2000. YANG, 2019). Para realizar este trabalho, todas as províncias, cidades e regiões autônomas criaram organizações especiais para estabelecer equipes profissionais que gradualmente pesquisavam, coletavam e selecionavam as músicas das minorias étnicas.

Este trabalho etnomusicológico intenso e detalhista, com sua ênfase em preservar e catalogar o maior número possível de materiais, encaixa-se no critério de pesquisa de "música em seu contexto cultural", sem necessariamente adentrar em conceitos e visões mais complexas de "música na cultura" ou "música como cultura", defendidos por Nettl (2015) como o ideal para o trabalho etnomusicológico; contudo, o seu valor é indiscutível mesmo assim, por ter preservado culturas que eram dependentes de uma transmissão oral que havia sido, em muitos casos, interrompida ou prejudicada pela Revolução Cultural. Outro importante evento para a promoção das culturas étnicas foi a fundação, em 1983, da Sociedade do Folclore Chinês, uma organização acadêmica sem fins lucrativos com mais de 2500 membros registrados que trabalha para a preservação e divulgação de estilos musicais das inúmeras minorias étnicas do país. Nos anos 1990, algumas áreas autônomas de minorias étnicas também compilaram livros didáticos de suas músicas em suas línguas nativas, também traduzindo-as para o mandarim. A fim de treinar professores em suas próprias culturas, algumas regiões étnicas abriram cursos específicos para formação de professores de educação musical em suas línguas musicais maternas, criando materiais de ensino e os ajudando a se familiarizar com eles (DU, 2000).

Essa tendência de crescimento da presença das músicas das minorias na educação e na mídia continuou em seminários realizados pelo governo sobre esta questão em 1993, 1995 e 1999, os quais estabeleceram que os alunos deveriam aprender música com a sua própria língua materna cultural como ponto focal e que cada criança deveria conhecer as canções da sua cidade natal (CUI, 1993). O ensino e a divulgação das músicas das etnias minoritárias têm continuado a crescer nas últimas duas décadas, e, mais recentemente, em 2017, foi lançado o programa *Huaxia Yuefu*, um MOOC – *Massive Open Online Course* –, que oferece mais de 12.500 cursos on-line com uma grande ênfase no ensino sobre a diversidade multicultural das etnias chinesas. Estes cursos já atingiram mais de 200 milhões de alunos, conforme descrito pelo Prof. Xie Jiaxing, do Conservatório de Música da China (Pequim), em apresentação durante a 34ª Conferência Mundial da ISME (realizada de forma virtual devido à pandemia da Covid-19).

Se o renascimento das músicas étnicas contribuiu para diversas identidades étnicas mais fortes e para o crescimento do nacionalismo étnico (incluindo os movimentos separatistas), isso é uma questão complexa para ser refletida. Hansen (1999a) escreve que "o governo chinês enfrenta o paradoxo de que uma educação bem-sucedida das minorias leva por vezes a um aumento das exigências étnicas" (HANSEN, 1999a: xiv, tradução nossa)[27]. Do mesmo modo, Cummins (1995) afirma que, "se os grupos minoritários desenvolvem a confiança na sua própria identidade [o que inclui a valorização da sua língua e cultura] [...], então tornam-se resistentes à exploração nas mãos do grupo dominante" (CUMMINS, 1995: 160 *apud* MAY, 2001: 233, tradução nossa)[28].

Clothey (2005) também se pergunta se o fortalecimento da consciência étnica é "antitético aos objetivos do governo chinês de promover a unidade étnica, estabilidade, patriotismo e desenvolvimento em áreas de minorias étnicas" (CLOTHEY, 2005: 408, tradução nossa)[29], mas acaba por concluir que, uma vez que o governo precisa do apoio das minorias, é absolutamente necessário, para seu próprio bem, assegurar que as culturas delas estejam bem representadas no currículo. De fato, pode ser argumentado que o que realmente cria tendências separatistas

[27] "The Chinese government faces the paradox that successful minority education sometimes leads to increased ethnic demands" (HANSEN, 1999a: xiv).

[28] "If minority groups develop the confidence in their own identity [which includes valuing their language and culture] [...], then they become resistant to exploitation at the hands of the dominant group" (CUMMINS, 1995: 160 *apud* MAY, 2001: 233).

[29] "[...] antithetical to the Chinese government's goals to promote ethnic unity, stability, patriotism, and development in ethnic minority areas" (CLOTHEY, 2005: 408).

é quando o governo restringe o acesso ao patrimônio cultural das minorias (BASS, 2008: 48). Esta ideia é corroborada por Hansen (1999a), que diz que, "ao negar o significado das próprias línguas [...] e valores culturais das minorias, a educação por vezes reforça o enfoque na identidade étnica" (HANSEN, 1999a: xiii, tradução nossa)[30].

A música e a educação musical são certamente utilizadas como instrumentos de integração pelo governo, assim como formas de se promover a diversidade do patrimônio das etnias (e ambos os objetivos não são diametralmente opostos). Este conceito utilitário da música é encontrado em algumas das forças mais importantes que moldaram a sociedade chinesa. Law e Ho (2009), por exemplo, descrevem que o pensamento confucionista enfatiza o "poder ético da música", que pode ser usado "como fator de controle na harmonização dos seres humanos" (LAW; HO, 2009: 502, tradução nossa)[31], enquanto Perris (1983) escreve que, na teoria de Mao-Tsé Tung, "toda a música (e outras artes) deve declarar uma mensagem oficial. [...] Não pode haver música 'inócua'" (PERRIS, 1983: 2, tradução nossa)[32]. Um exemplo de música cooptada pelo governo para transmitir uma mensagem ideológica encontra-se em *Beijing de jinshan shang* (北京的金山上, "Na Montanha Dourada de Pequim"), uma canção tibetana tradicional que foi reescrita com letra socialista, cantada de cor por tibetanos e chineses sempre que é executada em público (DHONDUP: 2008: 289). Em um exemplo semelhante, Bass (2008) descreve uma canção tradicional tibetana de casamento: a versão original elogia a unidade entre as famílias da noiva e do noivo, enquanto a versão encontrada num manual tibetano elogia um tipo diferente de unidade, alterando as duas últimas linhas para a frase: "Devemos viver juntos: o Tibete e a China" (BASS, 2008: 44). Por outro lado, a música também tem o poder de ser utilizada pelos grupos minoritários para os seus próprios fins políticos, com artistas sendo capazes de "esconder mensagens políticas em canções aparentemente inócuas" (MARTINIELLO; LAFLEUR, 2008: 1196, tradução nossa)[33]. Stirr (2008), por exemplo, menciona *Mtsho sngon po* ("Lago Azul"), uma canção popular tibetana composta em 1984 que foi inteligentemente escrita para ser ambígua. A letra menciona as palavras "povo" e "pátria", sem, contudo, especificar a que povo e a que pátria se refere; assim, a canção evitou a censura (uma vez que podia ser entendida como elogio à pátria chinesa), mas permitiu que muitos tibetanos a entendessem como o seu "hino não oficial" (STIRR, 2008: 305-306).

5. Músicas étnicas na música popular: Dadawa, *crossover* e controvérsia

Uma artista emblemática que contribuiu e, de certa forma, iniciou o aumento exponencial de interesse por músicas de origem étnica na mídia foi a cantora Zhu Zheqin (朱哲琴), mais conhecida por seu nome artístico Dadawa. Em 1995, em colaboração com os irmãos He Xuntian (compositor) e He Xunyou (letrista), ela lançou o CD *Sister Drum* (阿姐鼓), que se tornou um grande sucesso comercial, tanto na China como internacionalmente, tendo sido lançado em 56 países, com mais de 3 milhões de cópias vendidas, sendo que seu videoclipe foi exibido em

[30] "[...] by denying the significance of the minorities' own languages [...] and cultural values, education sometimes strengthens focus on ethnic identity" (HANSEN, 1999a: xiii).

[31] "[...] as a controlling factor in harmonizing human beings" (LAW; HO, 209: 502).

[32] "All music (and other art) must state an official message. [...] There can be no 'innocuous' music" (PERRIS, 1983: 2).

[33] "Artists [...] tend to develop skills to hide political messages within apparently 'harmless' songs" (MARTINIELLO; LAFLEUR, 2008: 1196).

81 países, fazendo com que ela se tornasse a cantora chinesa mais famosa no mundo no final dos anos 1990 (MOONRISE: DADAWA..., 2013).

O que fez de *Sister Drum* um CD inovador foi ter sido inspirado pela música tibetana, porém não sem ter criado controvérsias com a minoria tibetana (especialmente entre os exilados em outros países), tanto devido à relação conturbada entre a China e o Tibete quanto devido à forma como as músicas foram criadas e apresentadas. Em sua defesa, é necessário afirmar que a própria artista afirmou que *Sister Drum* teve apenas inspiração do Tibete, mas que o tema real era sua própria experiência de vida e que a intenção por trás do álbum não era fazer um trabalho etnográfico rigoroso e acadêmico, mas criar um estilo inspirado pelos ideais do *crossover* e *remix*, ou seja, permitindo-se uma mistura consciente e intencional de elementos de culturas diferentes (SISTER..., 1995).

Para melhor entender o caráter inovador de *Sister Drum*, é importante compreender como, logo após o período da Revolução Cultural (1966-1976), durante o qual o único tipo de música permitido eram canções revolucionárias de cunho comunista, a introdução de música popular nos anos 1980 foi inspirada diretamente nos estilos de Taiwan e Hong Kong (conhecidos como *gangtaiqu*, 港台曲). Quando He Xuntian, compositor treinado em música clássica e original de Sichuan (província conhecida como "porta para o Tibete"), começou a introduzir elementos tibetanos em canções de música popular no final dos anos 1980, seu trabalho foi inicialmente recebido com confusão e controvérsia (LI, 2004: 274). Em um concurso do qual participou, os jurados recusaram sua canção por não considerá-la "música popular". Após alguns anos, porém, com o sucesso estrondoso de *Sister Drum*, seu estilo idiossincrático passaria a ser denominado de "Terceira Música" pelos críticos e estudiosos (LI, 2004: 275).

A coautora deste artigo estava cursando a licenciatura no ano em que *Sister Drum* foi lançado e se lembra bem do grande impacto que o disco fez, aumentando a curiosidade e o respeito da população em geral pela música tibetana e também de outras minorias. Apesar de não ter sido sua intenção fazer uma gravação totalmente autêntica, Zhu Zeqin descreve como, na época em que começou a se interessar por músicas étnicas, no início dos anos 1990, ela foi visitar cantores em instituições musicais do governo que eram especialistas em estilos de música étnicos (DADAWA, 2010). Porém, ela logo percebeu que eles cantavam as canções em um estilo lírico (de *bel canto*) ou em um estilo similar à música popular que se ouvia de Taiwan e Hong Kong. Era raro encontrar cantores que utilizassem técnicas vocais mais próximas daquelas praticadas pelas minorias em seus próprios territórios.

Dessa forma, Dadawa procurou uma maneira de cantar que respeitasse e se aproximasse mais da original. O respeito e a admiração de Zhu Zheqin e do compositor He Xuntian pela música tibetana é documentado em vários depoimentos e pode ser percebido na música produzida por ambos, porém, de acordo com Taylor (1997), mesmo havendo respeito por outras culturas, há sempre apropriação cultural quando houver um posicionamento de uma metrópole em relação a uma periferia. De fato, de acordo com esse ponto de vista, qualquer interação transcultural é um tipo de apropriação cultural (FELD, 1994: 238). Alguns elementos concretos que embasam a acusação de que *Sister Drum* cometeu apropriação cultural são: a mistura já mencionada de elementos tibetanos com elementos não tibetanos; a participação no CD de músicos tibetanos cujos nomes não são mencionados; o uso de símbolos budistas tibetanos (como mantras e roupas religiosas); a comercialização do CD como sendo algo "espiritual" e "exótico"; o uso de transliterações de palavras tibetanas para o *pinyin* (o sistema oficial de transliteração do mandarim para caracteres ocidentais) e até o próprio nome artístico da cantora, com sua sonoridade pseudotibetana (LI, 2004).

Li (2004) afirma que Zhu Zeqin tem uma visão ingênua ao acreditar no poder da música para criar entendimento e interação entre povos diferentes: "Esta visão abertamente universalista e igualitária não reflete o mundo real, no qual a configuração de metrópoles e periferias é sempre

desigual, enquanto as relações de poder permanecerem assimétricas" (LI, 2004: 280, tradução nossa)[34]. Todavia, é importante reconhecer que a cantora prosseguiu e ampliou seu trabalho influenciada por músicas étnicas nas décadas seguintes, chegando a ser nomeada, em 2009, como embaixadora da Unesco, com a missão de viajar durante os dois anos seguintes para coletar elementos de música e artesanato das minorias étnicas de diversas regiões da China (XIE, 2011). Como parte deste plano de ação, patrocinado pelo Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), sua trajetória de dois anos foi documentada em uma série de 17 vídeos filmados durante os 20 mil quilômetros que ela percorreu nas seis províncias de Guizhou, Yunnan, Mongólia, Tibete, Xinjian e Qinghai, tendo coletado mais de mil músicas tradicionais nesta jornada (DADAWA, 2010).

Além de sua missão de preservação, o projeto também objetivou aumentar a visibilidade destas tradições, transmiti-las para um público maior e procurar formas de revitalizar a cultura destas áreas, de forma a também criar benefícios para suas economias locais (SINA, 2009). Tal objetivo é defendido por Martiniello (2015), que acredita que a diversidade étnica e a cultura podem ser usadas como um "ativo para o desenvolvimento econômico, atraindo visitantes e consumidores globais", sendo que membros das comunidades étnicas podem encontrar tanto "oportunidades para integração e empoderamento econômico" nestas interações como também "reconhecimento cultural" (MARTINIELLO, 2015: 1233, tradução nossa)[35].

O CD seguinte de Zhu Zheqin, intitulado *Moonrise* e lançado em 2013, foi um disco mais "puro" e mais preocupado em preservar as características originais das músicas étnicas do que suas gravações anteriores; além disso, o CD foi feito em parceria com diversos membros das minorias étnicas representadas e foi acompanhado de um segundo CD com gravações das canções étnicas originais que inspiraram as composições do CD principal (MOONRISE, 2013). Como reconhecimento por seu trabalho, Zhu Zheqin já foi artista-em-residência do *Institute of Asian Research*, da Universidade de British Columbia, no passado e, atualmente, é professora adjunta da Universidade Tongji, em Xangai.

6. Influências internacionais por trás do renascimento étnico

Quando se pensa no renascimento da identidade étnica que tem acontecido na China desde os anos 1980, é evidente que as políticas educacionais do governo são parcialmente responsáveis por ele. Como mencionado anteriormente neste documento, duas razões possíveis para a implementação destas políticas seriam (1) aumentar o apoio das minorias para o governo central e (2) tentar legitimamente impedir que os patrimônios étnicos tradicionais sejam extintos pela assimilação completa na sociedade dominante (CLOTHEY, 2005. MU, 1995). Outra razão para o ressurgimento étnico, porém, é "a interpenetração crescente de múltiplos discursos de multiculturalismo, local e internacional", que criou uma mudança na consciência das pessoas em todo o mundo: "Membros de grupos historicamente subordinados [...] hoje em dia têm um poderoso sentimento de direito à igualdade como um direito humano básico" (KYMLICKA, 2005b: 32, tradução nossa)[36]. Como Steger (2003) salienta, devido às tecnologias

[34] "This overtly universalistic and egalitarian view does not reflect the real word where the configuration of metropoles and peripheries is always lopsided as long as the power relations remain asymmetrical" (LI, 2004: 280).

[35] "Some cities [...] see [their ethnic diversity] as an asset for their economic development by attracting global visitors and consumers. Members of immigrant and ethnicized groups find there opportunities for cultural recognition and also for economic integration and empowerment" (MARTINIELLO, 2015: 1233).

[36] "Members of historically subordinated groups today [...] have a powerful sense of entitlement to equality as a basic human right" (KYMLICKA, 2005b: 32).

que interligam o mundo inteiro, "os sistemas simbólicos dominantes de significado da nossa época [...] circulam mais livre e amplamente do que nunca" (STEGER, 2003: 70, tradução nossa)[37].

As minorias asiáticas "são cada vez mais influenciadas pela mesma consciência de direito que tem inspirado muitos grupos minoritários ocidentais a contestar formas anteriores de hierarquia étnica e racial. Estão também cada vez mais ligadas a redes internacionais que apoiam grupos minoritários" (KYMLICKA, 2005a: 130, tradução nossa)[38]. Este fenômeno também pode ser apoiado pela "tese de convergência" desenvolvida por Howlett e Ramesh, a qual argumenta que, à medida que os países em desenvolvimento evoluem, é conveniente para eles utilizarem políticas semelhantes às adotadas anteriormente pelas nações industrializadas (LEVIN, 2001: 82).

Por outro lado, He (2005) argumenta que os modelos ocidentais de multiculturalismo podem não ser inteiramente transferíveis para a sociedade chinesa. Embora o confucionismo "tenha certas características repressivas, desiguais, autoritárias e logicamente inconsistentes" (HE, 2005: 60, tradução nossa)[39], ele acredita que possa ser utilizado para apoiar os direitos das minorias, mas sob uma perspectiva chinesa (mais comunitária e menos individualista). Do mesmo modo, acredita que o conceito de *ronghe* (融合, assimilação/fusão étnica) não deva ser totalmente abandonado, uma vez que não significa uma completa sinicização das minorias, mas, sim, a aceitação do fato de que uma certa quantidade de interpenetração entre diferentes etnias é não apenas inevitável, mas também benéfica. Esta ideia tem certamente alguns pontos positivos, uma vez que é capaz de abordar a realidade não a partir de um conjunto de categorias raciais rígidas, mas refletindo a sua natureza fluida, como foi discutido anteriormente.

7. Educação moral e patriótica

Enquanto as identidades étnicas foram aumentando gradualmente ao longo dos anos 1980 (parcialmente por causa da iniciativa do próprio governo, ao incluir um currículo mais diversificado nas escolas), um contrapeso a isso foi a elevada prioridade dada à educação patriótica (*aiguozhuyi jiaoyu*, 爱国主义教育) nas áreas minoritárias, também a partir deste período (HANSEN, 1999b: 263). Posteriormente, como reação aos protestos da Praça Tiananmen, em 1989, e também como resposta à contínua ascensão das "políticas de identidade" (*identity politics*), que mobiliza minorias de acordo com linhas étnicas, religiosas e culturais (KYMLICKA; HE, 2005: 3), a educação patriótica foi então implementada e enfatizada nas escolas de todo o país, tanto para os estudantes da etnia *Han* como para os demais. Além de focar no conceito de unidade do país, também houve a tentativa de criar um sentimento de orgulho pelo recente desenvolvimento econômico da China e por sua longa história e tradições (BASS, 2008: 40). Como Hansen (1999b) escreve, o patriotismo "tornou-se um tema dominante na retórica oficial chinesa, na mídia e na educação, [...] como um meio de fortalecer a China face à comunidade internacional e de corroer conflitos étnicos internos atuais ou potenciais" (HANSEN, 1999b: 263, tradução nossa)[40].

[37] "The dominant symbolic systems of meaning of our age [...] circulate more freely and widely than ever before" (STEGER, 2003: 70).

[38] "[...] are increasingly influenced by the same right-consciousness that has inspired many Western minority groups to contest earlier forms of ethnic and racial hierarchy. They are also increasingly connected to international networks that support minority groups" (KYMLICKA, 2005a: 130).

[39] "[...] certain repressive, unequal, authoritarian, and logically inconsistent features" (HE, 2005: 60).

[40] "[...] has become a dominant theme in official Chinese rhetoric, media and education[,] [...] a means to strengthen China vis-à-vis the international community, and to erode actual or potential internal ethnic conflicts" (HANSEN, 1999b: 263).

Zhao (1998) discorda de alguns estudiosos que escreveram que o intenso patriotismo começado nos anos 1990 foi uma reação espontânea a certos acontecimentos internacionais e ao crescimento econômico da China. Em vez disso, escreve ele, foi uma campanha patriótica explicitamente orquestrada a partir do topo pelo governo. Embora o Partido Comunista Chinês tivesse no passado sempre incluído o patriotismo na educação do povo chinês, nunca antes na história ele tinha se tornado o assunto principal da propaganda (ZHAO, 1998: 296).

> Uma lição que os líderes do partido, tanto reformadores como conservadores, aprenderam com o "Incidente de Tiananmen" foi que a doutrinação política da geração mais jovem se tornou uma necessidade urgente. [...] Deng Xiaoping e o seu sucessor, Jiang Zemin, começaram a envolver-se na bandeira do nacionalismo, que, descobriram, continuou a ser a única base de crença política partilhada pela maioria do povo chinês, apesar da rápida decadência da ideologia oficial comunista [...]. Embora o nacionalismo tenha sempre constituído uma componente importante da ideologia comunista chinesa, nunca foi apontado como uma muleta espiritual para o regime comunista. Chegados à realização renovada do poder do nacionalismo depois de os pilares da ideologia marxista terem desmoronado, a liderança pós-Tiananmen centrou os seus esforços na promoção da lealdade ao regime apoiada pelo Estado, lançando uma campanha de educação patriótica (ZHAO, 1998: 291, tradução nossa)[41].

Ou seja, o governo percebeu que sua ênfase anterior na filosofia e ideologia marxista e maoísta era ineficaz para criar uma forte lealdade de todos os cidadãos ao Partido Comunista Chinês; por isso, "em vez de se concentrarem no dogma político para manter os estudantes na linha, as autoridades mudaram agora para a abordagem mais suave da educação patriótica" (ZHAO, 1998: 293, tradução nossa)[42]. Outro foco da educação patriótica foi retratar os governos ocidentais como perigosos, intrometidos e intimidadores; desta forma, por exemplo, o nacionalismo tibetano foi acusado de ser criado por "forças hostis externas" que querem dividir a pátria (BASS, 2008: 40). Quando Pequim não conseguiu obter os Jogos Olímpicos de 2000, o governo também culpou os países ocidentais e as organizações de direitos humanos por isso (ZHAO, 1998: 290), sendo que outros exemplos de interferência ocidental são constantemente oferecidos pela mídia e na educação, a fim de aumentar "o orgulho nacional chinês e, ao mesmo tempo, criar um sentimento de cerco" (ZHAO, 1998: 298, tradução nossa)[43], enquanto o Partido Comunista Chinês é sempre retratado como o defensor dos interesses do país. Como resultado disto, Crothall (1994) afirma que

[41] "One lesson that the party leaders, reformers and conservatives alike, learned from the "Tiananmen Incident" was that the political indoctrination of the younger generation became an urgent need. [...] Deng Xiaoping and his successor, Jiang Zemin, began to wrap themselves in the banner of nationalism which, they found, remained the one bedrock of political belief shared by most Chinese people in spite of the rapid decay of Communist official ideology [...] Although nationalism always constituted an important component of Chinese Communist ideology, it was never singled out as a spiritual crutch for the Communist regime. Coming to the renewed realization of the power of nationalism after the pillars of Marxist ideology crumbled, post-Tiananmen leadership focused its efforts on fostering state-supported loyalty to the regime by launching a campaign of patriotic education" (ZHAO, 1998: 291).

[42] "Instead of focusing on political dogma to keep students in line, the authorities now switched to the softer approach of patriotic education" (ZHAO, 1998: 293).

[43] "[...] to build up Chinese national pride and, in the meantime, to create a sense of siege" (ZHAO, 1998: 298).

> A educação patriótica tem funcionado onde a ciência política (doutrinação comunista) falhou. Os estudantes de hoje estão muito menos dispostos a criticar o partido, porque fazê-lo seria visto de alguma forma como sendo antipatriótico. Além disso, os estudantes viram o nível de vida subir e a posição da China no mundo melhorar acentuadamente ao longo dos últimos cinco anos (CROTHALL, 1994: 8 *apud* ZHAO, 1998: 299, tradução nossa)[44].

Sobre a questão do nacionalismo tibetano e da educação tibetana, é interessante observar um discurso do secretário do partido Chen Kuiyuan (陈奎元), no qual ele admite que "o sucesso da educação não está no número de diplomas emitidos, mas no fato de nossos estudantes [tibetanos] se oporem ou voltarem os seus corações para o grupo do Dalai Lama e serem leais ou não se importarem com a nossa grande pátria e a grande causa socialista" (BASS, 2008: 40, tradução nossa)[45].

A música – por meio de hinos nacionais e outras canções patrióticas – é certamente utilizada por todos os países para promover o patriotismo nos seus cidadãos. Em relação à China, Ho e Law (2004) comentam como o governo usa a música para criar "um sentimento de identidade corporativa em torno de valores tradicionais e ideologia comunista" e como instrumento para disciplinar a sociedade (HO; LAW, 2004: 149, tradução nossa)[46]. O uso de música para fins patrióticos na China não é restrito ao período pós-Tiananmen. Escrevendo no início dos anos 1980 sobre o distrito de Xangai, por exemplo, Perris (1983) comenta como certas regras de conduta "foram musicadas para ajudarem os jovens estudantes a se lembrarem delas". Enquanto algumas destas regras diziam respeito a coisas do dia a dia, como fazer os trabalhos de casa ou manter a roupa limpa, uma regra era "amar a pátria, o povo e o Partido Comunista da China" (PERRIS, 1983: 13, tradução nossa)[47]. Contudo, a diferença está na maior ênfase recebida pelas mensagens patrióticas desde os anos 1990. "Qualquer que seja o seu assunto, as canções devem preocupar-se em [...] legitimar o direito absoluto do Partido Comunista para ditar um sistema centralizado de valores" (HO; LAW, 2004: 160, tradução nossa)[48]. Os autores dão vários exemplos, como a canção *Hoje é seu aniversário, China* (今天是你的生日), que foi apresentada pela primeira vez justamente no dia 1º de outubro de 1989 (Dia Nacional Chinês) e que desde então se tornou muito popular, sendo cantada em muitas ocasiões diferentes[49].

[44] "Patriotic education has worked where political science (Communist indoctrination) failed. Today's students are far less willing to criticize the party because to do so would be seen somehow as being unpatriotic. Furthermore, the students have seen living standards rise and China's position in the world improve markedly over the past five years" (CROTHALL, 1994: 8 *apud* ZHAO, 1998: 299).

[45] "The success of our education does not lie in the number of diplomas issued [, but] [...] in whether our [Tibetan] students are opposed to or turn their hearts to the Dalai Lama clique and in whether they are loyal to or do not care about our great motherland and the great socialist cause" (BASS, 2008: 40).

[46] "[...] a sense of corporate identity around traditional values and Communist ideology" (HO; LAW, 2004: 149).

[47] "[...] were set to music to help young students remember them [...] love the motherland, the people and the Communist Party of China" (PERRIS, 1983: 13).

[48] "Whatever their subject matter, songs should be concerned to [...] legitimate the absolute right of the Communist Party to dictate a centralized system of values" (HO; LAW, 2004: 160).

[49] Outras canções mencionadas por Ho e Law (2004) são: "*Eu Amo meu Cachecol Vermelho*", "*A Longa Marcha do Exército Vermelho*" e "*O Brilho do Pensamento de Mao Zedong*", que "são todas concebidas para manter a unidade e restaurar a ordem", enquanto ""*A Pequena Montanha em meu Vilarejo*" e "*Eu Amo minha Pátria*" trazem um sentido de lealdade e amor pelo país (HO; LAW, 2004, 160). Outras canções com mensagens patrióticas incluem: "*Esta Canção é Deixada pela Mamãe*", "*Eu te amo, China*", "*A 15ª Lua*", "*Saudades de Casa*", "*Rosa no Coração*", "*Crianças no Exterior*", "*Eu te amo, Shenyang*", "*Glória no Sangue*" e "*Adeus, Mama*".

8. Comentários finais

Este artigo propiciou ao leitor uma visão histórica sobre a situação das culturas das minorias étnicas na China, comentando como, nas últimas décadas, tanto a educação musical como as mídias chinesas passaram a incluí-las, de forma persistente e deliberada, em seus conteúdos. Isso foi realizado por iniciativa do governo, juntamente com uma ênfase maior na promoção ao patriotismo, conforme vimos, com o intuito de transmitir a todos uma impressão de uma nação harmoniosa com suas 55 etnias minoritárias. O artigo procurou demonstrar como os efeitos disso são variados – por um lado, reprimindo manifestações que não se encaixem na narrativa oficial de paz e harmonia, mas, por outro lado, protegendo inúmeras tradições culturais e evitando que estas desapareçam. Uma maior representação cultural das 55 etnias no currículo escolar, embora corra o risco de criar uma "reificação cultural" que seja assentada em conceitos raciais rígidos, tem demonstrado o potencial de permitir que a herança dos grupos minoritários – incluindo a sua música – finalmente sobreviva e prospere. Embora este renascimento da música étnica possa potencialmente aumentar o nacionalismo étnico (e, consequentemente, as tensões étnicas), o governo chinês acredita na criação de um sentimento de unidade ao transmitir a mensagem de que todas as etnias são bem-vindas e apreciadas pelo país (CLOTHEY, 2008. BASS, 2008. HANSEN, 1999a). Além disso, o governo promove inúmeras ações para atingir este objetivo, como as políticas de ação afirmativa que ajudam estudantes de etnias minoritárias a entrarem no ensino superior (WAN; JUN, 2008. HE, 2005).

Há muitas melhorias que devem ser implementadas na relação do governo chinês com as minorias étnicas, tanto em relação à sua posição socioeconômica como em relação às suas tradições culturais e religiosas, as quais devem ser plenamente respeitadas e preservadas pela sociedade. A educação musical pode ser utilizada tanto como instrumento de integração nacional como forma de ensinar aos estudantes chineses a respeito da incrível diversidade do seu país. Embora se deva permitir que as etnias individuais mantenham as suas heranças únicas, também se pode esperar um certo grau de mistura das culturas como normal e mesmo desejável. Idealmente, um multiculturalismo crítico (MAY, 1999. KINCHELOE; STEINBERG, 1997) deveria, em última análise, ser alcançado no relacionamento da sociedade chinesa com as suas minorias, algo que, claro, ainda levará muito tempo, pois, como Kymlicka (2005a) explica, existem alguns problemas de "sequenciamento" desta ideia, uma vez que o multiculturalismo no mundo ocidental só foi adotado após o estabelecimento de democracias fortes. Isso, contudo, não deve limitar o movimento gradual, que já está a acontecer, no sentido de uma maior diversidade e justiça na sociedade chinesa, e a educação musical tem um papel fundamental neste processo.

Referências

BAI, Zhihong. Ethnic identities under the tourist gaze. *Asian Ethnicity*, London, v. 8, n. 3, p. 245-259, June 2008.

BASS, Catriona. Tibetan primary curriculum and its role in nation building. *Educational Review*, London, v. 60, n. 1, p. 39-50, Feb. 2008.

CAMPBELL, Patricia Shehan. Musica exotica, multiculturalism, and school music. *The Quarterly: Journal of Music Teaching and Learning*, Colorado, v. 5, n. 2, p. 65-72, 1994.

CHENG, Tianjian [程天健]. Introdução à Música Folclórica Chinesa [中国民族音乐概论]. Shanghai: Shanghai Conservatory of Music, 2007.

CLOTHEY, Rebecca. China's policies for minority nationalities in higher education: negotiating national values and ethnic identities. *Comparative Education Review*, Chicago, v. 49, n. 3, p. 389-409, Aug. 2005.

CUI, Lili. New target for educational reform. *Beijing Review*, Beijing, v. 36, n. 22, p. 13-18, 1992.

DADAWA. Deixe o mundo ouvir: a viagem de busca musical nacional de Zhu Zheqin de volta a Lhasa [让世界听见-朱哲琴民族音乐寻访之旅 重回拉萨]. CCTV, 2010. 17 vídeos. Disponível em: https://kejiao.cctv.com/2010/11/27/VIDE1355503725343817.shtml. Acesso em: 12 mar. 2021

DIKÖTTER, Frank. *The discourse of race in modern China*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1992.

DHONDUP, Yangdon. Dancing to the beat of modernity: The rise and development of Tibetan pop music. *In*: BARNETT, R.; SCHWARZ, R. (org.). *Tibetan Modernities*: Notes from the Field on Cultural and Social Change. Leiden and Boston: Brill, 2008. p. 285-304.

DU, Yaxiong [杜亚雄]. Uma revisão do desenvolvimento da música minoritária chinesa no século 20 [二十世纪中国少数民族音乐发展之回顾]. *Periódico da Universidade das Artes de Yunnan* [云南艺术学院学报], Kunming, v. 2, p. 5-11, 2000. Disponível em: https://www.chinesefolklore.org.cn/web/index.php?NewsID=12689. Acesso em: 12 mar. 2021.

FELD, Steven. Notes on World Beat. *In*: FELD, S.; KEIL, C. (org.). *Music Grooves: Essays and Dialogues.* Chicago: University of Chicago Press, 1994. p. 238-246.

GLADNEY, Dru. Making Muslims in China: Education, Islamicization and representation. *In*: POSTIGLIONE, G. A. (org.). *China's national minority education culture, schooling, and development.* New York; London: Falmer Press, 1999. p. 55-94.

GLADNEY, Dru. *Dislocating China*: Muslims, Minorities, and Other Subaltern Subjects. London; Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

HANSEN, Mette Halskov. *Lessons in Being Chinese*: Minority Education and Ethnic Identity in Southwest China. Seattle; London: University of Washington Press, 1999a.

HANSEN, Mette Halskov. Teaching Backwardness or Equality: Chinese State Education among the Tai in Sipsong Panna. *In*: POSTIGLIONE, G. A. (org.). *China's national minority education culture, schooling, and development*. New York; London: Falmer Press, 1999b. p. 243-280.

HANSEN, Mette Halskov. *Frontier People*: Han Settlers in Minority Areas of China. Vancouver; Toronto: UBC Press, 2005.

HE, Baogang. Minority rights with Chinese characteristics. *In*: KYMLICKA, W.; HE, B. (org.). *Multiculturalism in Asia*. New York: Oxford University Press, 2005. p. 56-79.

HO, Wai-Chung; LAW, Wing-Wah. Values, music and education in China. *Music Education Research*, London, v. 6, n. 2, p. 149-167, 2004.

HUDSON, Ray. Regions and place: Music, identity and place. *Progress in Human Geography*, New York, v. 30, n. 5, p. 626-634, 2006.

KINCHELOE, Joe; STEINBERG, Shirley. *Changing Multiculturalism.* Buckingham: Open University Press, 1997.

KYMLICKA, Will. *Multicultural Citizenship*: A liberal theory of minority rights. Oxford: Clarendon Press, 1995.

KYMLICKA, Will. Models of multicultural citizenship: Comparing Asia and the West. *In*: TAN, S. (org.). *Challenging Citizenship*: Group membership and cultural identity in a Global Age. Burlington, VT: Ashgate, 2005a. p. 110-136.

KYMLICKA, Will. Liberal multiculturalism: Western models, global trends, and Asian debates. *In*: KYMLICKA, W; HE, B. (org.). *Multiculturalism in Asia*. New York: Oxford University Press, 2005b. p. 22-55.

KYMLICKA, Will; HE, Baogang. Introduction. *In*: KYMLICKA, W; HE, B. (org.). *Multiculturalism in Asia*. New York: Oxford University Press, 2005. p. 1-20.

LAW, Wing-Wah; HO, Wai-Chung. Globalization, values education, and school music education in China. *Journal of Curriculum Studies*, London, v. 41, n. 4, p. 501-520, 2009.

LEVIN, Benjamin. *Reforming Education*: From origins to outcomes. London; New York: Routledge, 2001.

LI, Wei. Sister Drum: Musical presentation and appropriation of Buddhism. In: THE INTERNATIONAL CONFERENCE ON RELIGIOUS WORKS, 2004, Taipei. *Annals* [...]. Taipei: National Taiwan University of Arts, 2004. p. 271-285.

LIN, Jing. Education and cultural sustainability for the minority people in China: Challenges in the era of economic reform and globalization. *In*: BEKERMAN, Z.; KOPELOWITZ, E. (org.). *Cultural Education-Cultural sustainability*: Minority, Diaspora, Indigenous, and Ethno-Religious Groups in Multicultural Societies. New York: Routledge, 2008. p. 69-84.

MA, Rong. A new perspective in guiding ethnic relations in the Twenty-first Century: 'De politicization' of ethnicity in China. *Asian Ethnicity*, London, v. 8, n. 3, p. 199-217, 2007.

MACPHERSON, Seonaigh; BECKETT, Gulbahar. The hidden curriculum of assimilation in modern Chinese education: Fueling indigenous Tibetan and Uygur Cessation movements. *In*: BEKERMAN, Z.; KOPELOWITZ, E. (org.). *Cultural Education-Cultural Sustainability:* Minority, Diaspora, Indigenous, and Ethno-Religious Groups in Multicultural Societies. New York: Routledge, 2008. p. 103-122.

MARTINIELLO, Marco. Immigrants, ethnicized minorities and the arts: A relatively neglected research area. *Ethnic and Racial Studies*, London, v. 38, n. 8, p. 1229-1235, 2015.

MARTINIELLO, Marco; LAFLEUR, Jean-Michel. Ethnic minorities' cultural and artistic practices as forms of political expression: A review of the literature and a theoretical discussion on music. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, London, v. 34, n. 8, p. 1191-1215, 2008.

MAY, Stephen. *Critical Multiculturalism*: Rethinking Multicultural and Anti-Racis Education. London: Falmer Press, 1999.

MAY, Stephen. *Language and Minority Rights*: Ethnicity, Nationalism and the Politics of Language. Harlow; New York: Longman, 2001.

MOONRISE [月出]. Intérprete: Dadawa. Chingmeicanto, 2013. 2 CDs. MOONRISE: DADAWA and Ethnic Music Masters. *Asia Society*, Hong Kong, 2013. Disponível em: https://asiasociety.org/hong-kong/events/moonrise-%E2%80%93-dadawa-and-ethnic-music-masters. Acesso em: 12 mar. 2021.

MU, Yang. Music loss among ethnic minorities in China – A comparison of the Li and Hui peoples. *Asian Music,* Austin, v. 27, n. 1, p. 103-131, 1995.

NBS – NATIONAL BUREAU OF STATISTICS 国家统计局]. 2010. Disponível em: http://www.stats.gov.cn/tjsj/tjgb/rkpcgb/. Acesso em: 12 mar. 2021.

NETTL, Bruno. *The Study of Ethnomusicology*: Thirty-Three Discussions. Chicago: University of Illinois Press, 2015.

PERRIS, Arnold. Music as propaganda: Art at the command of doctrine in the People's Republic of China. *Ethnomusicology*, Chicago, v. 27, n. 1, p. 1-28, 1983.

POSTIGLIONE, Gerard. Making Tibetans in China: The educational challenges of harmonious multiculturalism. *Educational Review*, London, v. 60, n. 1, p. 1-20, 2008.

POSTIGLIONE, Gerard. Dislocated education: The case of Tibet. *Comparative Education Review*, Chicago, v. 53, n. 4, p. 483-512, Nov. 2009.

SAID, Edward W. *Orientalism.* New York: Pantheon Books, 1978.

SANG, De Nuo Wa [桑德诺瓦]. *Apreciação das Músicas e Danças Folclóricas das Minorias Chinesas* [中国少数民族民间音乐舞蹈鉴赏]. Beijing: Central Conservatory of Music, 2007.

SINA [新浪]. *Proteção e desenvolvimento da música minoritária chinesa* [中国少数民族音乐保护与发展"介绍], 2009. Disponível em: http://ent.sina.com.cn/y/2009-01-07/20092332524.shtml. Acesso em: 11 mar. 2021.

SISTER Drum [阿姐鼓]. Intérprete: Dadawa. [*S. l.*]: Warner/UCO, 1995. 1 CD.

SMITH, Joanne. The quest for national unity in Uyghur popular song: Barren chickens, stray dogs, fake immortals and thieves. *In*: BIDDLE, I.; KNIGHTS, V. (org.). *Music, National Identity and the Politics of Location*: Between the Global and the Local. Burlington, VT: Ashgate, 2007. p. 109-137.

STEGER, Manfred. *Globalization*: A very short introduction. Oxford: Oxford University Press, 2003.

STIRR, Anna. Blue lake: Tibetan popular music, place and fantasies of the nation. *In*: BARNETT, R.; SCHWARTZ, R. (org.). *Tibetan Modernities*: Notes from the Field on Cultural and Social Change. Leiden and Boston: Brill, 2008. p. 305-331.

TAYLOR. Timothy. *Global pop*: World music, world markets. New York: Routledge, 1997.

WAN, Guofang; JUN, Yan. How China best educates its ethnic minority children: Strategies, experience and challenges. *In*: WAN, G. F. (org.). *The Education of Diverse Student Populations:* A Global Perspective. Dordrecht: Springer, 2008. p. 139-157.

WU, David. Chinese minority policy and the meaning of minority culture: The example of Bai in Yunnan, China. *Human Organization*, Oklahoma City, v. 49, n. 1, p. 1-13,1990.

WU, David. The construction of Chinese and Non-Chinese identities. *Daedalus*, Cambridge, v. 120, n. 2, p. 159-179, 1991.

XIE Pei [谢培]. Zhu Zheqin: Ativando os genes da música nacional [朱哲琴：激活民族音乐的基因]. *Time Weekly* [时代周报], Guangzhou, 2011. Disponível em: http://www.time-weekly.com/wap-article/10362. Acesso em: 12 mar. 2021.

YANG, Peizhang [杨佩璋]. *Pesquisa sobre o sistema de resgate da música instrumental folclórica chinesa* [中国民族民间器乐曲集成检索体系研究]. Dissertação (Mestrado em Música) – Conservatório de Música de Xi'an [西安音乐学院], Xi'an, 2019.

YI, Lin. Choosing between ethnic and Chinese citizenship: The educational trajectories of Tibetan minority children in northwestern China. *In*: FONG, V. L.; MURPHY, R. (org.). *Chinese citizenship*: View from the margins. London; New York: Routledge, 2005. p. 41-67.

YU, Haibo. Identity and schooling among the Naxi. *Asian Ethnicity*, London, v. 8, n. 3, p. 235-244, 2007.

ZHAO, Suisheng. A state-led nationalism: The patriotic education campaign in post Tiananmen China. *Communist and Post-Communist Studies*, Berkeley, v. 31, n. 3, p. 287-302, 1998.

Natural de Tianjin (China), **Nan Qi** completou seu PhD em Educação Musical pela University of Western Ontario (Canadá), seu mestrado pela McGill University (Canadá) e seu bacharelado pelo Conservatório de Música de Tianjin (China). Atualmente, é professora adjunta da Escola de Música da UFRN e regente do Coral Infantil da UFRN. Seus interesses de pesquisa incluem aprendizagem transformadora, multiculturalismo, imigração e música comunitária, tendo publicado em periódicos como *Per Musi* (Brasil) e *Action, Criticism and Theory for Music Education*. É membro do conselho editorial da revista *Canadian Music Educator* e da rede CReArC (Copenhagen Centre for Research in Artistic Citizenship), colaborando com acadêmicos do Quênia, Dinamarca, Suécia, Estados Unidos e Brasil. nanqi2011@gmail.com

Descrito como "um pianista de rara musicalidade" pelo crítico Claude Gingras (*La Presse*, Montreal), **Durval Cesetti** é doutor pela McGill University e professor da Escola de Música da UFRN. Concertos recentes incluem recitais no Carnegie Hall (Nova York), National Centre for the Performing Arts (Pequim) e Tanna Schulich Hall (Montreal). Artigos seus foram publicados em periódicos como *The Musical Times*, *Latin American Music Review* e *Musica Hodie*. durval.cesetti@gmail.com